



**O BIOGRÁFICO EM SARTRE: noções e questões
de método**

**THE BIOGRAPHICAL IN SARTRE: notions and
questions of method**

**LE BIOGRAPHIQUE EN SARTRE: notions et
questions de méthode**

**Fábio Machado Pinto¹, Ana Claudia Wendt Dos Santos² &
Justina
Inês Sponchiado³**

RESUMO: Este artigo reflete e problematiza as contribuições do método biográfico progressivo-regressivo sartreano, os aspectos conceituais e metodológicos, bem como alguns de seus

¹ Fábio Machado Pinto é Professor do Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE/UFSC); Departamento de Metodologia de Ensino; Centro de Ciências da Educação; Universidade Federal de Santa Catarina; Florianópolis/SC; Brasil. Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea – Grupo de Estudo Biográfico Sartreano / GEBIOS; Formador do Núcleo Castor: estudos e atividades em existencialismo; Pesquisador da Equipe ESCOL - Université Paris 8; Doutor em Ciências da Educação pela Université Paris 8. Contato: fabiobage@yahoo.com.br

² Ana Claudia Wendt Dos Santos é Aluna de Pós-doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Catarina (PPGE/UFSC); Florianópolis/SC; Brasil. Estudante Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea – Grupo de Estudo Biográfico Sartreano / GEBIOS; Florianópolis/SC; Brasil. Núcleo Castor: estudos e atividades em existencialismo; Florianópolis/SC; Brasil. Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo (USP); São Paulo/SP; Brasil. Psicóloga clínica com especialização em Psicologia Científica Existencialista. Contato: aclws@hotmail.com.

³ Justina Inês Sponchiado é Técnica Administrativa em Educação aposentada do CED/UFSC. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea - Grupo de Estudo Biográfico Sartreano / GEBIOS; Centro de Ciências Educação; Universidade Federal de Santa Catarina; Florianópolis/SC; Brasil. Doutora em Ciências da Educação pela UFSC. ju.sponchiado@gmail.com.

desdobramentos políticos. Uma discussão conceitual crítica é mobilizada a partir dos estudos biográficos realizados pelo autor e autores contemporâneos, numa tentativa de melhor compreender esta perspectiva biográfica na fronteira com outras práticas de escrita. Trata-se de um esforço coletivo e interdisciplinar para melhor compreender o tempo presente, a nossa época e suas possibilidades de transformação. É a pergunta que nos fazemos hoje é ainda aquela de Sartre na Introdução de *Gustave Flaubert: l'Idiot de la famille*, O que se pode saber de um homem hoje? A sua tese basilar, a *Transcendência do Ego*, recorre a definição da *consciência* como intencionalidade, isso que permitiu a Sartre desenvolver seus personagens e os pressupostos de uma psicologia inscrita entre a fenomenologia e o marxismo.

Palavras-chave: Estudo Biográfico. Método Progressivo-regressivo. Jean-Paul Sartre.

ABSTRACT: This article reflects and discusses the contributions of the Sartrean progressive-regressive biographical method, the conceptual and methodological aspects, as well as some of its political developments. A critical conceptual discussion is mobilized from the biographical studies carried out by the author and contemporary authors, in an attempt to better understand this biographical perspective on the border with other writing practices. It is a collective and interdisciplinary effort to better understand the present time, our time and its possibilities for transformation. And the question that we ask ourselves today is still that of Sartre in Gustave Flaubert's Introduction: *l'Idiot de la famille*, What can you know about a man today? His basic thesis, *Transcendence of the Ego*, uses the definition of conscience as intentionality, which allowed Sartre to develop his characters and the assumptions of a psychology inscribed between phenomenology and Marxism.

76

KEY WORDS: Biographical Study. Progressive-regressive Method. Jean-Paul Sartre.

RÉSUMÉ: Cet article reflète et problématise les contributions de la méthode biographique progressive-régressive sartrienne, les aspects conceptuels et méthodologiques, ainsi que certains de ses conséquences politiques. Une réflexion conceptuelle critique est mobilisée à partir des études biographiques menées par l'auteur et les auteurs contemporains, dans le but de mieux comprendre cette perspective biographique à la frontière avec d'autres pratiques d'écriture. C'est un effort collectif et interdisciplinaire pour mieux comprendre le temps présent, notre époque et ses possibilités de transformation. La question que nous faisons aujourd'hui est toujours celle de Sartre dans l'introduction de *Gustave Flaubert: l'Idiot de la famille*, Que pouvez-vous savoir sur un homme aujourd'hui? Sa thèse de base, *La Transcendance de l'ego*, utilise la définition de la conscience comme intentionnalité, ce qui a permis à Sartre de développer ses personnages et les hypothèses d'une psychologie inscrite entre phénoménologie et marxisme.

Mots-clés: étude biographique. Méthode progressive-regressive. Jean-Paul Sartre.

A ESPERANÇA revigora...

É preciso tentar explicar porque o mundo de hoje, que é horrível, não é mais do que um momento no longo desenvolvimento histórico, que a esperança sempre foi uma das forças dominantes das revoluções e das insurreições. E como eu sinto profundamente ainda a esperança como minha concepção de futuro. (Jean-Paul Sartre, 24 de março de 1980)

O filósofo que dedicou sua obra a explicar a liberdade como a condição humana, desde um ponto de vista ontológico, deixou um legado que foi capaz de elevar o moral francesa num pós-guerra dramático para seu povo, como também o foi, três décadas depois, um anúncio de que a esperança como concepção de futuro é o que resta aos homens e às mulheres diante de um mundo repleto de desigualdades, violências e ameaças de extinção permanente. No final da vida, em seu testamento, a sua concepção de liberdade ganhou força na esperança, abrindo o caminho para que as gerações futuras construam suas próprias esperanças diante da barbárie que permanece e ganha terreno das mais diferentes formas. (SARTRE, 1980) Afirma que o futuro se encontra aberto e depende das nossas escolhas, das nossas ações no mundo, em cada ato, o destino de cada um e de todos. O que o **77** mundo é hoje e se impõe como campo de possíveis, demarcado pela ação de gerações precedentes, exige que as sociedades por meio de seus homens e suas mulheres façam algo desta herança nefasta. A esperança é uma construção tanto quanto a liberdade é nossa natureza - angustiante, sem dúvida, mas pela qual podemos sempre ampliar este campo de possíveis, frear o trem descontrolado da história e, talvez, mudar de rota. Abrir mão desta responsabilidade ainda assim é uma escolha, que muitas vezes é demarcada pelos mecanismos que nos permitem viver de forma menos desconfortável, tendo a *má-fé* como uma ferramenta eficaz para justificar os atos de desimplicação com os outros e com a própria vida e não tê-los que encarar como escolhas covardes, entre outros. Admitir sua responsabilidade perante a própria existência e a dos seus é um fardo difícil e, para muitos, impossível de carregar, o que impele as pessoas e os grupos a buscar recursos espirituais/místico, mas também subjetivos que os permitam sobreviver.⁴

⁴ O conceito de *má-fé* é central na obra sartreana e já se encontra de forma embrionária desde os seus primeiros ensaios filosóficos, e domina suas pesquisas fenomenológicas, suas análises políticas, suas peças de teatro, sua psicanálise existencial, suas biografias e, até mesmo, sua

Para Sartre, a esperança encontra seu lugar no enfrentamento do mundo como ele é, e isso inclui assumir a liberdade que somos numa *radical conversão a autenticidade*, face as suas contradições existenciais e sociais. Trata-se de homens e mulheres produzindo a história social desde suas práxis individuais, ou seja, suas ações nos grupos e nas sociedades, totalizando e destotalizando processos históricos para, logo em seguida, os retotalizar, reinventando sempre que possível as estruturas sociais. É nesta relação dialética entre o sujeito e a estrutura que a história é produzida. No pós-guerra, Sartre renova a esperança produzindo esta inteligibilidade capaz de colocar a história nas mãos de homens e mulheres. Sua concepção de liberdade jamais negligenciou as questões sociais, a escassez que se impõe aos sujeitos e sociedades e que coloca em grande desvantagem aqueles que vivem a margem do capital. A esperança reside no seu engajamento e no enfrentamento, assumindo a autenticidade de nossas ações no mundo, pela arte, pela política, pela ciência, etc, tendo o futuro como horizonte a ser alcançado por meio delas. A história como uma totalização em curso é um processo em permanente construção pelos homens e pelas mulheres de cada época. Para compreender o tempo presente são eles, homens e mulheres, que precisamos estudar e conhecer.

78

ADESÃO CRÍTICA À FENONEMOLOGIA E AO MATERIALISMO HISTÓRICO: noções e métodos

Vivemos um tempo em que tudo que falarmos sobre uma pessoa pode rapidamente se diluir em meio a infindáveis narrativas, tudo dependendo da perspectiva, portanto, da autoridade de quem narra. Sartre teria assim explicado: *Admiro como alguém pode mentir colocando a razão do seu próprio lado.*⁵ A guerra de narrativas tomou conta do cotidiano, pretendendo elevar o senso comum ao status de conhecimento, a crença ao patamar da verificação, muitas vezes com

autobiografia. (NOUDELMMANN et PHILIPPE, 2004, p. 312) Mas é em *O Ser e o Nada*, obra lançada em 1943, que Sartre a define como *uma mentira da consciência a si mesma*. Esta ideia de que o ser humano é capaz de enganar a si mesmo. Uma capacidade criativa de formar conceitos contraditórios (SARTRE, 2004, p. 82-91).

⁵ Entenda-se aqui “admirar” como surpreender-se com tal constatação. Frase atribuída a Sartre por Silvano Santiago no conto “Nó, Nós”, publicado na Revista *Electra* número 8, 2019-2020.

doses de mentiras - ou fakenews - que tentam formar uma leitura que rivalize com os acontecimentos reais, tanto quanto o possível. Um equívoco, evidentemente intencional e em sintonia com o que certa tradição filosófica vem cultivando desde tempos remotos e que encontrou fértil terreno nas ciências humanas.⁶ Isso que precisa ser revisitado e estudado com mais atenção para que possamos abrir espaço para o futuro, recolocando o passado no passado, assim como o estatuto de ciências para à área de humanas e sociais. Trata-se de tomar o passado como objeto passível de compreensão e verificar o que nas histórias da literatura e da filosofia, desde algumas tradições, funcionam como possíveis “âncoras” que impedem o “navio de navegar”. Esta foi a busca de Sartre e continua a ser uma condição para nos colocar em movimento, com o futuro em aberto, nos construindo no tecimento com os outros em alteridade e reciprocidade, na forma da ação humana, responsável e conseqüente, pautada na observação da realidade social e concreta, por meio de uma filosofia como ciência rigorosa e que não revogue a soberania dos objetos, transcendentais ao sujeito.⁷

A fenomenologia está na base teórica de boa parte dessas tradições baseadas numa visão essencialista de homem e do conhecimento. Segundo Fragata (1959, p. 16) temos um recuo no pensamento husserliano, que em seu princípio até ousou *ir às coisas mesmas* para, ao final, admitir que chegado ao término de suas pesquisas, precisaria começar tudo de novo. Edmund Husserl (1859-1938), uma das principais referências nos estudos de Sartre, em seus primeiros ensaios filosóficos, buscava erigir uma filosofia *como ciência rigorosa*. Adensou seu trabalho a partir da tese da *intencionalidade da consciência* aprendida com seu mestre Franz Brentano (1838-1917), em que só existiria uma consciência que fosse de “algo”. Ao se ocupar das pistas deixadas por René Descartes (1596-1650) e Immanuel Kant (1724-1804), Husserl retoma o problema da relação do Eu e da consciência, e como resultado das suas reduções em busca da comprovação de

79

⁶ O essencialismo que vai irradiar das filosofias imobilistas desde os gregos pré-socráticos, ganhou terreno entre os modernos e encontra-se em diversas tradições com suas particularidades. Desde Parmênides de Eléia (530 a.C – 460 a.C) temos parte da filosofia *crente* numa iluminação divina que dizia que “o que é, é, e o que não é, não é”. (JAEGER, 1995, p. 219-223)

⁷ Na contramão de Parmênides, Heráclito de Éfeso (540 a.C. 570 a.C), filho de agricultor, observa a natureza e constata seu movimento estabelecendo as bases da dialética. Seu método leva em consideração o mundo objetivo e sua verificação, abrindo caminho para uma tradição oposta ao imobilismo. (JAEGER, 1995, p. 223-229)

uma consciência transcendental como fato inequívoco, acabou retornando a ideia de um Eu puro ou transcendental como estruturas necessárias das consciências empíricas, já que, segundo sua lógica, este as unificaria e garantiria como sendo suas.

Em seu primeiro ensaio filosófico⁸ Sartre rejeita tanto a teoria do duplo Eu, quanto o racionalismo de Descartes que reduzia o sujeito a uma substância pensante, por antever que não davam conta de explicar o fenômeno da personalização e da ontologia da realidade. Seu desafio avança na desconstrução dos dualismos e reducionismos que ora diluam o mundo objetivo na consciência (subjetivismo), ora a consciência neste mundo (realismo), se impondo na forma de um materialismo vulgar. Entre as diferentes formas de subjetivismos e objetivismos, ele propõe o método dialético, progressivo-regressivo.⁹ Filosofia e as ciências humanas encontram-se ainda presas nesse debate e, em que pese os avanços tecnológicos e científicos, continuamos a lidar com o conhecimento de forma tão vulgar, como se a realidade do mundo objetivo pudesse ser explicada e esclarecida por uma horda de narradores, numa comunidade intersubjetiva, resultantes das suas interpretações. Tudo sendo, portanto, produto das consciências, reduzindo a fenomenologia (entre outras perspectivas) a mais uma forma de subjetivismo. Esta tradição, em permanente embate com certo materialismo histórico, é que acabou predominando no estudo de fenômenos humanos, da psicanálise à história, da antropologia à sociologia.

80

Sartre acompanhou Husserl criticamente desde suas primeiras obras, admitindo a tese da consciência como intencionalidade.¹⁰ O objeto não é a

⁸ Este diálogo com as obras de Husserl e Descartes se dá no ensaio *La Transcendence de L'Ego: esquisse d'une description phénoménologique*, sua primeira obra filosófica publicada em 1934. Este texto resultou do curso de especialização em fenomenologia realizado no Instituto Francês de Berlim em 1933, onde sucedeu Raymond Aron (1905-1983) e estudou assiduamente a obra de E. Husserl (CONTAT & RIBALKA, 1970, p. 25).

⁹ O método progressivo-regressivo será apresentado pela primeira vez em 1957 para uma revista polonesa dedicada a debater marxismo e existencialismo e republicado em *Les Temps Modernes* no mesmo ano (SARTRE, 1957). Posteriormente, em 1960, o texto é reapresentado como *Questão de Método* na introdução da obra *Crítica da razão dialética* (SARTRE, 2002, p. 73-134).

¹⁰ Sobre a ideia de intencionalidade em Sartre é exemplar o texto *Une idée fondamentale de la phénoménologie de Husserl: l'intentionnalité*, publicado em *Situations I* pela Gallimard, em 1947 (SARTRE, 2005, P. 102-107).

consciência que se tem dele. Para Sartre (1992, p. 27), *a consciência é consciência de alguma coisa. Transcendência é estrutura constitutiva da Consciência. A Consciência nasce tendo por objeto um ser que ela não é.* A fenomenologia existencialista se demarca face as reduções husserlianas e encontra na filosofia marxista, mais especificamente no materialismo histórico, um lugar para encravar o seu existencialismo - agora como uma antropologia, necessária para evitar a estagnação desta filosofia, que segundo ele sofre de apriorismos, principalmente quando vinculada aos partidos comunistas de sua época. (SARTRE, 2002) Em seus estudos, o marxismo recebeu este mesmo tratamento crítico dado a fenomenologia husserliana e a psicanálise freudiana.¹¹ Porém, será elevado a um estatuto maior, de filosofia do seu século, aquela que vai explicar o tempo presente, pois o corresponde na sua forma mais concreta, dialética e histórica. O que nem sempre se considera é que no primeiro ensaio filosófico de Sartre, *A transcendência do Ego*, o materialismo histórico já ganhava ênfase na sua conclusão.

Sempre me pareceu que uma hipótese de trabalho tão fecunda como o materialismo histórico não exigiria de modo nenhum como fundamento esta absurdidade que é o materialismo metafísico. Não é, com efeito, necessário que o objecto preceda o sujeito para que os pseudo-valores espirituais se dissipem e para que a moral **81** reencontre as suas bases na realidade. Basta que o Eu [Moi] seja contemporâneo do mundo e que a dualidade sujeito-objeto que é puramente lógica, desapareça definitivamente das preocupações filosóficas. (SARTRE, 1994, p. 82-83)

A sua tese principal, que foi a mesma até o fim, era a da “*consciência de*” como outra coisa que o Ego, “*consciência de*” como intencionalidade e anterior a ele, mas indispensável ao materialismo se considerarmos seu esforço de tudo expulsar tanto desta consciência como do Ego, para manter ao fim a dialética viva, da irredutibilidade e contemporaneidade entre sujeito e mundo.

Para a maior parte dos filósofos o Ego é um “habitante” da consciência. Alguns afirmam sua presença formal no interior dos “*Erlebnisse*” como um princípio de unificação vazio. Outros – psicólogos na sua maior parte – pensam descobrir sua presença material, como centro de desejos e de atos, a cada momento de nossa vida

¹¹ Faz-se ainda necessário revigorar este importante debate entre *existencialismo, psicanálise, fenomenologia e o marxismo* que mobilizou tantos pensadores, entre eles Sartre e Adorno, mas também Herbert Marcuse (1968) e George Lukács (1979), que vêm sendo reiteradamente objeto de nossos estudos e reflexões.

psíquica. Pretendemos mostrar aqui que o Ego não está nem formalmente nem materialmente na consciência: ele está lá fora, no mundo, é um ser do mundo, como o Ego do outro. (SARTRE, 1994, p. 43)

Estava esboçada a sua teoria da personalidade e um desafiador programa de estudo que segundo Beauvoir (2009) pretendia “retirar a poeira da psicologia que se ensinava na Sorbonne nos anos 1930”, sobretudo aquela ensinada por Bergson (1859-1927). *O que o interessava (a Sartre) antes de tudo eram as pessoas. [...] ele desejava opor uma compreensão concreta, logo sintética, dos indivíduos.* (BEAUVOIR, 2009, p. 33-34). A *transcendência do ego* é o fio condutor que articula a obra do autor até a *Crítica da Razão dialética* (1960), passando pelo *O Ser e o Nada* (1944), filosofia materializada em suas biografias¹² e na autobiografia “Les Mots” (1964). Este é o alicerce teórico que vai sustentar seu método progressivo-regressivo, constituindo-se no estudo biográfico que nos permite compreender o sujeito para compreender sua época, e compreendendo a época para elucidar o sujeito, aquilo que se pode saber dele, situado, em relação a temporalidade, a materialidade e aos outros, se fazendo e ao se fazer, sendo o protagonista de uma história social pela qual todos somos responsáveis.

Em seu método, Sartre expõe suas críticas a um certo marxismo paralisado, estagnado, em certa medida até mesmo esclerosado, que se conforma ao produzir conhecimento com certo número de afirmações *a priori*, resultando numa visão mecânica da história, descolada das ações concretas dos sujeitos e seus grupos. Ao tecer suas críticas, o autor reafirma seu compromisso com a história a partir dos próprios homens e mulheres, tendo o marxismo como a filosofia insuperável de seu tempo, desde que explicasse o ser humano e sua época em suas relações, partindo das situações concretas para produzir verdades *devindas*, fazendo-se por processos de *totalização* que jamais terminam ou uma *totalidade destotalizada* (SARTRE, 2002, p. 68)

Considero o marxismo como a insuperável filosofia do nosso tempo e porque julgo a ideologia existencialista e seu método “compreensivo” como um território encravado no próprio marxismo, que a engendra e, simultaneamente, a recusa. [...] Se algo como uma Verdade deve poder existir na Antropologia, ela deve ser *devinda*, deve fazer-se *totalização*. [...] Tal totalização está perpetuamente em andamento como Historia e como Verdade histórica. (SARTRE, 2002, p. 14)

¹² O canteiro biográfico sartreano é extenso e conta com as biografias de Baudelaire (1947), Jean Genet (1952) e Gustave Flaubert (1971), entre outros.

A razão dialética busca justamente desvencilhar-se dos idealismos, seja aquele que dissolve o real na subjetividade ou nega a subjetividade real em proveito da objetividade. Esta subjetividade, em Sartre, será definida como um momento no processo objetivo, o da interiorização da exterioridade, algo que se esvai e ressurgue constantemente. (SARTRE, 2015, p. 60) Por objetividade temos aqui o domínio do modo de produção da vida material sobre o desenvolvimento da vida social, política e intelectual, que mantém o homem sob o jugo da *escassez*, conforme esclareceu Marx em sua extensa obra (SARTRE, 2015, p. 80).

O contexto sócio histórico nos mantém cativos de adversidades produzidas pelos próprios homens, que são os que fazem a história, reafirma Sartre (2002, p. 73), aquilo que já havia evocado Karl Marx (1818-1883): *os homens fazem a história, eles próprios, a sua história, mas num meio dado que as condiciona*. Sartre esclarece que as circunstâncias e a educação que produzem os homens são modificadas e mantidas precisamente pelas atitudes que eles mesmos realizam, tanto que *o educador deve ser, ele próprio, educado*. (SARTRE, 2002, p. 74) Ele reconhece que encontramos em Marx, de forma inseparável, os caracteres da determinação externa quanto da unidade sintética e progressiva que é a práxis humana. A transcendência destas oposições da exterioridade e interioridade acaba sendo enfatizada no pensamento sartreano, para quem *o homem caracteriza-se antes de tudo pela superação de uma situação, pelo que ele chega a fazer daquilo que se fez dele, mesmo que ele não se reconheça jamais em sua objetivação*. (SARTRE, 2002, p. 77). A práxis aqui ganha duplo sentido: da *negatividade*, de uma negação da negação, da positividade, sobre *o que ainda não foi*.

Simultaneamente fuga e salto para frente, recusa e realização, o projeto retêm e revela a realidade superada, recusada pelo movimento mesmo que a supera: assim, o conhecimento é um momento da práxis, mesmo o mais rudimentar: mas este conhecimento nada tem de um saber absoluto: definido pela negação da realidade recusada em nome da realidade a produzir, ele permanece cativo da ação que ilumina e desaparece com ela. (SARTRE, 2002, p. 77)

O BIOGRÁFICO EM Sartre¹³

¹³ Parte deste capítulo foi apresentado no II colóquio internacional sobre Sartre, em Maringá, 2019.

François Dosse, em *O Desafio Biográfico* (2015, p. 229-240), inscreve Sartre no conjunto das tradições dos estudos biográficos, dando mais eco as críticas de Paul Ricoeur do que esclarecendo o seu método diante da envergadura e coerência interna da sua obra. Sartre manteve linha direta com seu próprio público, por meio da literatura, do cinema, do teatro, da filosofia e do engajamento político, mantendo-se afastado do campo acadêmico da época. Este fato fez com que perdesse espaço para o movimento pós-estruturalista, que se renovou e dominou o campo das ciências humanas até nossos dias. O existencialismo que cintilava no pós- 2a guerra acabou soterrado pelas críticas, entre elas a que taxava Sartre como *filósofo total* e o acusava de *fundar uma teoria que busca reconstituir a totalidade* (Bourdieu, 2005). Nos anos 1980, após sua morte, houve um retorno a Sartre, em parte também pelo retorno dos estudos biográficos nas ciências humanas, onde destacamos as pesquisas de Philippe Lejeune (1975, 2005), na França, e Franco Ferrarotti (1983, 1991, 2013), na Itália. Lejeune, ao propor o *Pacto Biográfico*, se utiliza do exemplo sartreano em *L'idiot de la famille* que não omite sua relação com o biografado, suas escolhas e seus motivos, bem como a exposição de seu método progressivo-regressivo. Ferrarotti, em *Sobre a Autonomia do Método Biográfico* (1991) inspirado no método sartreano, propunha a fusão de um duplo movimento de ir e vir da biografia ao sistema social, reconstrução exaustiva das totalizações recíprocas que exprimem a relação dialética entre sociedade e indivíduo em particular (FERRAROTTI, p. 65, 2013).

84

Os estudos biográficos abrem um espaço para a antropologia filosófica sartreana ao estudar homens e mulheres concretos, suas famílias e as infâncias que neste contexto são vividas em relação contraditória com o que chama de prático-inerte: *o sistema de valores em uso, as ideologias dominantes, a todo um mundo de "fora" que tende a desempenhar um papel de freio perante as forças de transformação* (DOSSE, 2015, p. 238). A biografia de Flaubert com o título *de l'idiot de la famille*¹⁴ mobiliza a pergunta sempre presente em seus estudos: *O que*

¹⁴ Flaubert foi sempre o seu companheiro de viagem, sua leitura frequente desde a infância. Em entrevista aos Micheis Contat e Ribalka no *Le Monde*, 14 de maio de 1971, Sartre relata que quando Garaudi lhe lançou o desafio de estudar um personagem qualquer a fim de expor seus métodos (marxismo e existencialismo), pode ter antecipado que o método sartreano se reduziria ao estudo de um homem abstrato, descolado da realidade social e concreta, uma forma de

se pode saber de um homem hoje? Sartre expôs as dificuldades de Flaubert que aos sete anos ainda se atrapalhava com as palavras e as frases, mas que logo depois tornou-se, ainda jovem, o escritor de sua época. Epilepsia foi, entre outros, seu principal diagnóstico, mas para Sartre não há dúvidas sobre as situações vividas na infância no seio de sua família, cuidadosamente descritas e analisadas, e os sofrimentos infringidos sobre a criança, que o teriam conduzido ao seu refúgio, na *passividade*.

Pois a chaga profunda com que foi *imputado* – essa vertigem, este desgosto de viver esta impossibilidade de nada empreender, essa dificuldade de negar, de afirmar, que lhe proíbe a entrada no universo do discurso -, é preciso chamá-la, creio, de sua constituição passiva. (SARTRE, 2013, p. 46)

A noção de infância, situada numa família e numa classe social, também se revela como *chaga profunda, sempre escondida*, isso que subsiste no adulto como passado. O estudo biográfico sartreano busca estabelecer os nexos sobre a forma pela qual o adulto se constitui até mesmo contra a sua infância, por ela e com ela. A noção de classe social e sujeito encontram-se imbricadas por um conjunto de mediações, tecido complexo das relações humanas. A compreensão do ser humano só se dá por um ato investigativo interdisciplinar capaz de verificar cada uma das mediações que implicam a criança no mundo, em uma família, com seu corpo, seus pensamentos e suas emoções. Neste sentido, o método sartreano é heurístico e determina progressivamente a biografia, aprofundando a época, e a época aprofundando a biografia. *Longe de procurar integrar logo uma à outra, mantê-las-á separadas até que o envolvimento recíproco se faça por si mesmo e ponha um termo provisório na pesquisa* (SARTRE, 2002, p. 104).

A infância aparece como momento decisivo, onde o *projeto-de-ser* é provocado na criança por meio das relações familiares, tecimentos complexos e contraditório com adultos, mas também pela forma como esta família se insere num contexto sócio histórico ou antropológico, como afirma o professor Pedro Bertolino.¹⁵ Eis que o campo de possíveis de cada criança encontra-se sempre demarcado ou contornado por estas variáveis sociológicas e antropológicas. Os

subjetivismo. Sartre aceitou o desafio do colega marxista, mas propôs o estudo de Flaubert. (SARTRE, 1977)

¹⁵ Para conhecer a produção de Pedro Bertolino ver página do Nuca. <http://nuca.org.br>. Acessado em março de 2020.

recursos e utensílios, até mesmo o pensamento e a prática pela qual a criança vai se orientando em suas primeiras incursões no mundo, são uma herança nem sempre fácil de digerir. Aos poucos ela vai aprendendo e fazendo-se isso que os adultos e sua época lhes oferecem como projeto. Ela experimenta este universal como particular, vivendo sua condição futura por meio de hábitos, sentimentos, interesses, necessidades e desejos, através de técnicas e artefatos que encontram-se acessíveis, disponíveis em seu grupo de origem. A família faz esta mediação que *aproxima projeto e desejo de ser*, o que na vida adulta vai demarcar sua (in)viabilização levando ao sofrimento ou a viabilização.

É a infância que modela preconceitos insuperáveis, é ela que faz sentir profundamente, nas violências do adestramento e no desvario do animal adestrado, o pertencimento ao meio como um acontecimento singular. Atualmente, só a psicanálise permite, hoje, estudar a fundo o processo pelo qual uma criança, no escuro, às apalpadelas, vai tentar desempenhar, sem o compreender, o personagem social que os adultos lhe impõe, só ela nos mostrará se a criança sufoca em seu papel, se procura evadir-se dele ou se o assimila inteiramente. Somente ela permite encontrar o homem inteiro no adulto, isto é, não somente suas determinações presentes como também o peso de sua história. (SARTRE, 2002, p. 57)

A família é a mediação importante da criança e sua classe social. Inscrita em um grupo, a criança vive e reconhece, com maior ou menor clareza, tudo que pode ou não pode, isso que define sua condição no mundo, como parte de uma classe. Nossas ideias, nossos preconceitos e nossas crenças podem parecer insuperáveis, visto que foram experimentadas na infância, tão profundamente constitutiva que tem função em nossas cegueiras e reações irracionais, mesmo as sanhas e paixões mais loucas. Sua superação se faz possível pela forma transcendente como ocorrem no mundo como resultado de nossas ações, emoções e nossos pensamentos. Podemos encontrá-las, pois foram vividas e tomadas como objeto da consciência, diante do que não podemos negar a sua ocorrência, ainda que para isso tenhamos que superar os mecanismos da *má-fé*.

O biográfico em Sartre mantém-se atual e indispensável. Este reascender da dialética que desemboca na constatação de homens e mulheres livres, sujeitos da história, passíveis de serem conhecidos em suas ações, enquanto práxis individual que se coloca como motor da história social. Aqui, sujeitos não podem ser confundidos como “moléculas que se chocam” e, embora estejam situados num contexto onde as condições estão dadas *a priori* e os interesses antagônicos encontram-se em disputa, cada sujeito e grupo compreende e supera a si e ao outro por meio das suas próprias ações no mundo, em suas mediações. O método de

estudo consiste em partir da realidade para elucidar o fenômeno, não reduzindo o objeto ao seu sentido ou uma mera narrativa. Ao constatar os dois absolutos em relação, um de objetividade e outro de subjetividade, posiciona-se pelo conhecimento garantido na relação e rompe com uma tradição filosófica que considerava apenas “um” absoluto como sustentáculo do conhecimento, equívoco que permanece nas distintas formas de idealismo e materialismo até nossos dias. A realidade humana se impõe concretamente e não se reduz a uma ou mais narrativas, tornara-se passível de ser conhecida por um método compreensivo, sendo por isso, passível de uma intervenção afim de transformá-la. Sartre reafirmava que a realidade está fora do sujeito e o sujeito está no mundo, situado e em relação com sua época, com os outros, as coisas, o seu tempo. A realidade humana existe, é passível de compreensão e cabe aos sujeitos transformá-la. Omitir-se a essa atividade, ou mesmo, missão, é ainda assim uma escolha, a escolha de ser objeto da história feita por outros.

O problema da existência se impõe em seus estudos como objeto (sujeito tomado como objeto de estudo). Mais do que uma ficção ou manifestação narrativa de uma consciência criativa e dinâmica, trata-se do estudo experimental de um fenômeno, neste caso, homens e mulheres concretos, em situação, tecidos, sujeitos de sua história. Para tanto, foi incansável na busca desta concepção de ser humano, portanto antropológica e filosófica, e que contribui para melhor demarcar as diferentes racionalidades, em que ciência, religião, política, senso comum se encontram diluídas, imbricadas e por isso, negligenciando aquilo o que cada uma delas pode de fato oferecer para a compreensão e transformação da realidade em que vivemos. Nisto consiste seu empreendimento político, no qual a arte, mais precisamente a literatura, vai ter um lugar preciso, incontornável, alcançando o seu grau de sofisticação que lhe garantiu um prêmio Nobel.¹⁶ Em *Les Mots* (1964), como nas demais biografias, temos a exposição do método com a explicação da pessoa e sua época, mobilizando seus recursos e imaginação a partir do uso de *fontes e noções*. O recurso a ficção nas obras literárias ganhava contornos de realidade pelo estudo rigoroso das fontes - sejam elas documentais, fotográficas, diários etc - e da cultura onde os seus personagens se inscreviam.

87

¹⁶ Sartre foi premiado por sua obra autobiográfica “*Les Mots*”. Ele escreveu uma carta-recusa ao prêmio, que foi traduzida e publicada pelo jornal Última Hora do Rio de Janeiro na sua edição de 23 de outubro de 1964.

As fontes como evidências da ação humana, no mundo e em relação com os outros e as coisas, eram aquelas acessíveis e que expressavam a existência, o vivido e a forma como os sujeitos a elaboram. A escolha das fontes tanto quanto a forma adequada de coletá-las, ganharam importância na obra sartreana, pois sua rigorosidade é o que define os limites entre o ficcional e o científico. Uma racionalidade científica é definida pelo que faz efetivamente o cientista. Sua capacidade imaginativa ou interpretativa ocupam um lugar neste processo, precisamente na elaboração de reflexões que nos ajudam a avançar na pesquisa, mas não se sobrepõe a verificação dos fenômenos. A racionalidade científica, seja no estudo de fenômenos humanos ou naturais, deve obedecer a este ponto de partida: o da soberania do objeto diante da consciência. Ou ainda, é a realidade social que se impõe de forma soberana a ser compreendida e explicada pelos estudiosos. Contudo, a forma de expressar esta incursão no mundo objetivo nos permite a criação de categorias diversas, capazes de alcançar a diversidade em sua abrangência. Pois, de que vale conhecer o mundo se não for para transformá-lo?

As ferramentas metodológicas para alcançar o mundo, cavoucar e desvelar as fontes, exigem igual rigorosidade na sua identificação e leitura. Aqui, a diferença que Sartre faz entre *conceito e noções* é fundamental para o estudo em ciências humanas. Em entrevista a Contat e Ribalka (SARTRE, 1977, p. 89) trata de especificar as ferramentas que permitem compreender o homem no mundo, situado e relacional. Para Sartre, o *conceito* se define em exterioridade, como atemporal, por isso perde parte de sua capacidade compreensiva. Já a *noção* se define em interioridade e implica seu próprio tempo de construção do conhecimento. Assim, ao estudar o ser humano e sua história devemos proceder por noções. Esta prática compreensiva é o que permite o conhecimento do sujeito, é uma relação construída com um objeto transcendente, situado num contexto sócio histórico, num grupo familiar, mas em ação, que consiste em escolhas diante de um mundo também em movimento.

Ao utilizar a escrita de obras literárias ou biográficas, Sartre apostou em um instrumento com capacidade de alcançar as pessoas de diversas formas. Segundo ele mesmo coloca (1999), o escritor, quando se põe a tarefa de produzir uma obra, lida o tempo todo com significados, com a linguagem como um instrumento do qual o autor se serve para comunicar, esclarecer, instigar, contar, demonstrar, recusar, persuadir, etc.. Palavras indicam objetos que são coisas no mundo. Sendo um instrumento de certa atividade, Sartre considera relevante questionar em que fim o escritor quer chegar no momento que se põe a escrever e por que este fim

deve ser alcançado pela escrita. Desse modo, pela escrita, é possível deixar à mostra uma porção do mundo que ainda não tinha sido desvelada e quem se propõe a escrever deve se questionar que mudança pretende alcançar no mundo com tal desvelamento. Conforme Sartre (1999, p. 29) coloca, *o escritor deve engajar-se inteiramente nas suas obras (...) como uma vontade decidida, como uma escolha, com esse total empenho em viver que constitui cada um de nós.*

Para Sartre, estudar os homens e as mulheres nesta perspectiva seria um ato político fundamental para se compreender uma época, suas mazelas, mas também para trazer o sujeito para o enfrentamento dos problemas reais e concretos, os sofrimentos infringidos as pessoas, aos grupos e as sociedades. Seu método buscou dar subsídio para a crítica e o enfrentamento de problemas culturais, econômicos, sociais e psíquicos. Pensador atento ao seu tempo, sem deixar de pesar contra si mesmo, ganhava distanciamento crítico no estudo de sua época e da burguesia na qual se achava inscrito. Não media esforços para denunciar seus limites e suas crueldades. A esperança anunciada vinha do potencial humano em assumir sua história, das práxis individuais ressurgindo como *motor da história.* (SARTRE, 2002, P. 293)

89

CONSIDERAÇÕES finais

O método biográfico sartreano ensina que nascemos predestinados, votados a algo, o que corresponde a nossa inscrição num território, numa época e família, como um membro específico deste grupo familiar e para quem temos mais ou menos apreço, damos importância, valor etc. Ainda que a história nos coloque desafios por nós vividos como intransponíveis, como aqueles enfrentados por Flaubert ou Genet, é possível de ver nestes dois casos como se colocaram frente a tamanhas condenações, fazendo delas aquilo que mais tarde veio a se concretizar em grandes obras artísticas. Ambos se perderam na infância, imersos nos seus grupos de origem e num clima antropológico que demarcava seus campos de possíveis. Mesmo lá, no emaranhado da estrutura, houve escolhas que, pouco a pouco, abriram caminho para outras ações futuras que lhes permitiram os processos de destotalização e retotalização de suas personalidades. Foram suas atitudes concretas no mundo que os tornaram eminentes reconhecidos, até nossos dias.

O essencial para Sartre é o método, pois para se compreender um homem ou uma mulher precisamos dos elementos necessários e do método apropriado. A biografia de alguém que já morreu pode ser tomada de qualquer ponto, mas exige que façamos escolhas para eleger os aspectos mais significativos sobre o que realizou em vida, e que contenham fontes acessíveis que nos permitam inteligir sua existência. Podemos estudar os seus escritos, ou outro aspecto da sua produção cultural, porém será sempre necessário compreender as condições socioeconômicas, ideológicas, analíticas etc, da época em que viveu. Este sujeito precisa ter existido em algum lugar e tempo específicos e precisa ter deixado suas pegadas. O estudo rigoroso dos documentos que as revelam, desvelando um ser humano em seu movimento histórico, seu passado, presente e futuro em direção ao qual se moveu. O biográfico em Sartre não reduz a história de uma existência a uma narrativa, ainda que as narrativas acessíveis sobre essa existência possam ser cruzadas e utilizadas para se preencher as algumas lacunas deixadas pela realidade que não se pode ter acesso.

Em sua dialética da *temporalidade*, a história é tratada de forma retrospectiva e prospectiva, neste “vai e vem” temporal (passado-presente-futuro) sem negligenciar o passado, tendo clareza do quão decisivo se faz para se compreender as escolhas feitas, muito mais do que sua intenção de fazê-las, mas é o futuro que ganha vetor de força nas decisões e atitudes do presente. Foi assim em Flaubert e Genet, e para o pequeno Poulou (em *Le Mots*), se quiserem. Quando outro futuro se impôs de forma a dar movimento as suas histórias, esse rivalizou com aquelas forças do passado que geravam as condições da paralisia de Flaubert ou da propensão ao roubo e a delinquência de Genet. No caso de Sartre, a escolha de escrever só ganhou novos contornos pela ação obstinada do menino e a confirmação de todo um sociológico que lhes ofereceu condições para se tornar o grande escritor. Ainda assim, as suas infâncias precisaram ser deixadas pelo caminho para se constituírem homens em sua plenitude, ou seja, tomassem suas histórias em suas próprias mãos. Não há interpretação a priori que defina uma existência, ela resulta das ações humanas e de sua imensa responsabilidade diante da sua própria vida e dos seus contemporâneos. O biográfico sartreano nos dá elementos para não cair no jogo da guerra de narrativas, em fazer concessões ao senso-comum. A história social e de cada sujeito estão imbricadas, são passíveis de compreensão e conhecimento, ainda que a arte nos ajude a levar esse conhecimento cada vez mais longe, permitindo que a ficção expanda nossas possibilidades. Mas a soberania da vida concreta, do sujeitos homens e mulheres,

em si mesmo, são objeto do que podemos denominar de uma arte processual permanente, sempre em vias de se reinventar.

Com o estudo biográfico sartreano, a implicação política da vida relatada e descrita, passível de compreensão, se faz presente, demonstrando a importância de cada decisão, de cada ação perpetrada, cada rumo tomado e que traz consequências tanto para si quanto para o contexto em que se encontra. Pode-se dizer, portanto, que a filosofia existencialista é a filosofia da esperança, não no sentido de esperar que algo melhor nos aconteça, mas de que depende de cada um de nós fazer algo diferente do que existe a nossa volta, para alcançarmos outro futuro e mantê-lo sempre aberto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. *A força da idade*. 2ª ed. Trad. S. Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *Esboço de auto-análise*. São Paulo: cia das Letras, 2005.

CONTAT, Michel & RIBALKA, Michel. *Les Écrits de Sartre*. Paris: Gallimard, 1970.

DOSSE, François. *Desafio Biográfico: escrever uma vida*. 2ª edição. Tradução de Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo; EDUSP, 2015.

FERRAROTTI, Franco. *Histoires et histoires de vie*. Klincksieck, 1983.

_____. Autonomia do Método biográfico. In: *Sociologia – problemas e práticas*, nº 9, 1991. (p. 171-177)

_____. *Sobre a ciência da incerteza: o método biográfico na investigação em ciências sociais*. Edições Pedagogo, 2013.

FRAGATA, Júlio. *A Fenomenologia de Husserl: como fundamento da Filosofia*. Braga: Livraria Cruz, 1959.

JAEGER, Werner. PAIDEIA: A formação do Homem Grego. Trad. Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LEJEUNE, Philippe. *Le Pacte Autobiographique*. Paris: Seuil, 1975.

_____. *Signes de vie: Le Pacte Autobiographique 2*. 2005.

LUKÁCS, George. *Existencialismo ou Marxismo?* Trad. José Carlos Bruni. São Paulo: Livraria Editora Ciências Humanas, 1979.

MARCUSE, Herbert. *Materialismo Histórico e Existência*. Trad. Vamireh Chacon. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1968.

NOUDELMAAN, François et PHILIPPE, Gilles. *DICTIONNAIRE SARTRE*. Paris: Honoré Champion Éditeur, 2004.

SANTIAGO, Silviano. Nó, Nós. In: *Revista Electra*, número 8. Lisboa: Fundação EDP, 2020.

SARTRE. Jean-Paul. *L'être et le néant - Essai d'ontologie phénoménologique*. Paris:

_____. Une idée fondamentale de la phénoménologie de Husserl: l'intentionnalité, In: *Situations I*, Gallimard, 1947.

_____. Questions de Méthode. In: *Les Temps Modernes*. N^o 139, septembre 1957, p. 338-417, n^o 140, octobre 1957, (p. 658-698.)

_____. *Critique de la raison dialectique. Tome I: Théorie des ensembles pratiques*. Paris, Gallimard, 1960.

_____. *Les Mots*. Paris: Éditions Gallimard, 1964.

_____. *O Existencialismo é um Humanismo*. In: Sartre. São Paulo: Nova Cultural (Coleção Os Pensadores), 1987.

_____. Acerca de “*L' idiot. De la famille*”. In: Política e Autobiografia. *Situações X Coleção Homens e Temas*. Lisboa, Edições António Ramos, 1977. (p. 85 a 107.)

_____. *O Testamento de Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 1980.

_____. *L'être et le néant: essai d'ontologie phénoménologique*. Paris: Éditions Gallimard, 1992.

_____. *A Transcendência do Ego seguido de Consciência de si e conhecimento de si*. Tradução e Introdução de Pedro M. S. Alves, Lisboa, Edições Colibri, 1994.

_____. *Crítica da razão dialética (Tomo I e II)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

_____. *Uma ideia fundamental da Fenomenologia de Husserl: a intencionalidade*. Trad. LOPES, Ricardo Leon. In: VEREDAS FAVIP, Caruaru, Vol. 2, n.01, pp, 102-107, jan./jun. 2005.

_____. *O idiota da Família: Gustave Flaubert de 1921 a 1857*. Trad. Julia da Rosa Simões. Porto alegre: LPM, 2013.

_____. *O que é subjetividade?* Rio de janeiro, Nova Fronteira, 2015.

Artigo recebido em: 27 de maio de 2020.

Artigo Aprovado em: 23 de setembro de 2020.

